### Envolvimento com o crime e cotidiano

## Involvement with crime and daily life

Herminia Castro Silva<sup>1</sup> Hilda Daniela Oliveira<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

Partindo e uma pesquisa realizada com adolescentes infratores internados no Departamento Geral de Ações Sócio-educativas – DEGASE, o presente texto tem por objetivo discutir o papel desempenhado pelo jovem no processo de estabelecimento das interações vivenciadas no cotidiano de sua vida na criminalidade, tentando perceber as influências, os modelos de conduta, disponíveis para eles durante o seu processo de socialização, dentro do contexto das comunidades ocupadas pelos comandos envolvidos com o comércio de varejo de drogas ilegais.

Palavras chave: Comércio de drogas. Adolescentes. Cotidiano. Socialização.

#### **ABSTRACT**

Considering a research on young offenders confined at the General Department of Social and Educational Actions (DEGASE), this paper aims to discuss the role played by these teenagers in the building of their own everyday interactions inside criminal life, trying to realize the influences and behavior models available for them during their socialization process, inside communities occupied by gangs ("comandos") involved in the illegal drugs trade.

**Key words:** Trade in drugs. Teenagers. Daily life. Socialization

## 1 INTRODUÇÃO

A infração infanto-juvenil é um dos problemas fundamentais para sociedade brasileira atual. Principalmente quando percebemos que o aumento dos índices de

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica UNISUAM e aluna do Curso de Serviço Social. daniela 22melo@hotmail.com



50

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Cientista social, mestre e doutora em Educação pela UFRJ. Atualmente vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Desenvolvimento Local da UNISUAM/RJ. Autora de literatura infanto juvenil. Editora da Revista Augustus - B4 na área interdisciplinar - de 2004 até 2010. hcsilva@unisuam.edu.br

criminalidade está associado ao comércio de varejo de drogas ilegais e a mão-deobra de crianças e adolescentes é a mais usada nessa atividade.

Nesse texto, apresentamos uma tentativa de dar resposta a seguinte indagação: porque o comércio de varejo de drogas ilegais é um mercado ocupado, de forma preponderante, por jovens e adolescentes? De forma específica, ao formularmos esta pergunta, estamos no cerne de uma das mais perenes questões a acompanhar os autores que trabalham com essa problemática: ao buscarmos a explicação da inserção de determinados jovens naquela atividade, nos perguntamos, quem é o responsável, o ambiente ou as inclinações pessoais? A delinqüência juvenil é um produto das estruturas sociais ou é uma resposta particular do indivíduo na sua relação com o mundo?

As discussões travadas na sociedade onde se busca compreender a relação do jovem com a delinqüência podem passar por dois focos distintos: em um deles o jovem é, antes de tudo, um produto do meio, no outro, ele fez uma escolha racional, em algum momento e por isso escolheu essa entre as opções oferecidas.

Focalizar o sujeito ou a estrutura não nos interessa aqui. Vamos trabalhar com uma matriz sociológica que considera o sujeito e a sociedade como fenômenos indissociáveis. Dentro dessa matriz as interações estabelecidas em tempo real em cenários específicos são o foco da abordagem. O sujeito não é um produto do meio, um objeto onde as forças sociais atuam, nem um dado, uma verdade imanente que se relaciona com a realidade exterior a partir de suas tendências inatas. Sujeito e sociedade, indivíduo e interações, são produzidos ao mesmo tempo, e mesmo o cenário onde as interações acontecem, é um elemento constitutivo das ações e das situações que nele se desenrolam.

Essa abordagem teórica é mais fecunda porque ela foge das explicações que indiferenciam contextos, possibilitando focalizar a importância que a ação dos comandos, e de seus associados do poder público, tem nos cenários onde o envolvimento de crianças e adolescentes com o crime se desenrola. Ela também busca fugir da associação frequente entre pobreza e crime, focalizando a exposição direta de determinados sujeitos, dos estratos sociais médios e inferiores, à ação das facções e do embate entre essas facções e os agentes de segurança, muitas vezes corruptos ou violentos. Essa abordagem também potencializa as bases para se definir uma intervenção. Ter como pressuposto teórico a indissociabilidade entre sujeito e sociedade fortalece a importância das relações intersubjetivas nas

comunidades e dentro das instituições que atendem aos jovens que cometeram ato infracional e nas escolas.

Se o jovem é um produto do meio, é preciso mudar o meio, e esse não é o campo de ação direta do educador. Por outro lado, se a opção pelo crime depende absolutamente do sujeito, se ela diz respeito à índole, ou caráter, o campo de ação do trabalho educativo se estreita novamente, abrindo espaço para a religião ou para a psicologia mais estrita. Mas quando destacamos a escolha dos jovens relativa a um contexto e focalizamos as relações sociais estabelecidas em tempo real; quando destacamos que suas condutas se conformam através do controle mútuo e tendo como modelo as regras e convenções válidas no grupo onde essas condutas se desenrolam e na sociedade mais ampla, a ação da educação, do ato e da situação pedagógicos ganham destaque. Isso porque a educação não é um processo puramente especulativo, ela é uma prática social.

Em função do que foi exposto, o objetivo desse texto é discutir o papel desempenhado pelo jovem no processo de estabelecimento das interações vivenciadas no cotidiano de sua vida na criminalidade, tentando perceber como essas interações interferem no processo de reprodução das condições de vida do jovem dentro das comunidades onde vivem. Em outras palavras, o objetivo aqui é compreender o papel que os rapazes desempenham na reprodução de vida que levam, tal como ela é no contexto onde estão inseridos. No caso desse estudo, isso significa compreender o espaço de circulação constituído pelas atividades desenvolvidas pelo jovem no comércio varejista de drogas ilegais com base nos territórios ocupados pelos comandos do tráfico e os modelos de conduta que estiveram presentes na vida desses jovens durante sua socialização.

#### 2 O COTIDIANO EM FOCO

Ao se focalizar, via teoria social, questões relativas a tempo e espaço, ao vivido, percebemos que o indivíduo e a sociedade se interpenetram. Os sistemas sociais só se reproduzem no tempo/ espaço porque formas de conduta social são cronicamente reproduzidas pelas pessoas nos seus contextos de vida (GIDDENS, 2003). A conduta humana é o fio que tece a sociedade através da recriação de cada

uma de suas subdivisões: grupos e instituições. Mesmo que nem todos tenham o mesmo poder de influenciar o curso dos acontecimentos.

A sociedade é uma força que se constitui no somatório das ações de cada indivíduo. É a totalidade formada pelas ações e pensamentos dos seus membros, mas não pode ser deduzida de nenhum indivíduo em particular. A forma como a sociedade se apresenta e as mudanças que ela sofre são o produto não planejado da vida em comum. Ela não é uma escolha racional dos indivíduos, nem de um indivíduo em particular. Além disso, ela reflete as contradições existentes nas relações interpessoais e aparece para os sujeitos como força sobre-humana porque dura no tempo/espaço e conforma cada indivíduo particular em menor ou maior grau dependendo da posição que esse indivíduo ocupa no contexto vivido (ELIAS, 1994).

A sociedade se estrutura nas relações que os sujeitos estabelecem uns com os outros no cotidiano. A conduta dos indivíduos nas situações reais é conformada pela conduta dos outros indivíduos e pelas relações que esses indivíduos estabelecem com outras pessoas no passado ou que pretendem estabelecer no futuro. O que liga as pessoas entre si é uma propensão natural dos seres humanos. Giddens (2003) acredita que cada indivíduo busca fazer parte de uma sociedade, através dos grupos com os quais entra em contato – família, vizinhos, amigos -, em busca de segurança. Elias também considera o desejo de pertencer a um grupo uma tendência fundamental da natureza do homem (1994).

Para Elias, a sociedade é um produto da experiência real dos homens, ela não é anterior a eles, mas se constitui no fato dos sujeitos estarem em relações de dependência mútua. E o que liga as pessoas, o que as coloca em constante encontro, mesmo quando as relações de interdependência envolvem conflito e concorrência, é uma propensão natural à vida em grupo.

Afirmar que a sociedade possui estruturas, e que o indivíduo está inserido num todo funcional ao qual deve acomodar-se para poder realizar sua individualidade, não significa separar indivíduo e sociedade justamente porque, a estrutura e a funcionalidade que aparecem para o indivíduo como uma forma capaz de condicioná-lo, nada mais são do que a estrutura e as funções das relações de interdependência nas quais este indivíduo está envolvido.

A maior expressão da indissociabilidade do indivíduo e da vida em sociedade é o fato dessa última ser produzida através de um processo de monitoramento e regulação recíproca das condutas dos indivíduos nas diversas relações de interdependência que eles estabelecem no cotidiano. Giddens, como Elias, acredita que a reprodução dos sistemas sociais envolve regulação recíproca de condutas. Ou seja, nas interações cotidianas os indivíduos controlam mutuamente o comportamento um do outro em função daquilo que se convencionou como sendo a forma que essa interação deve assumir.

O que foi dito no parágrafo anterior é válido tanto para sistemas sociais amplos que duram no tempo espaço, assim como para as interações mais localizadas que têm uma duração menor.

No caso dos jovens envolvidos com o comércio de varejo de drogas as interações e os modelos de conduta, assim como as regras válidas no contexto onde vivem teve a duração de suas vidas. O tráfico de drogas promove a convivência cotidiana com o crime e a violência. Nas ruas das periferias da cidade do Rio de Janeiro crianças e jovens ficam expostos aos efeitos e a presença marcante das figuras e das atividades do comércio de varejo de drogas ilegais desde muito novos. Ou seja, os jovens são socializados em contextos onde a ideologia do pertencimento a uma facção é fundamental para a definição de identidades coletivas e onde as figuras do "movimento desempenham um papel fundamental. A ocupação das favelas pelas facções do tráfico e a militarização dos negócios de venda de drogas ilegais no varejo já dura mais de 20 anos. Sendo assim, os jovens que atuam hoje no comércio de drogas cresceram em meio a essa influência.

#### 3 A PESQUISA

Como o foco desse estudo recai sobre as relações sociais e as interações foi preciso focalizar o papel desempenhado pelo adolescente nessas interações, tentando entender como ele participa da reprodução de sua situação de vida. No caso dos adolescentes envolvidos com o comércio de varejo de drogas ilegais as interações básicas ganham importância por que ele tem o seu campo de sociabilidade restrito a elas. Por interações básicas estamos entendendo as estabelecidas na esfera da família, da vizinhança e da amizade. Além disso, estão incluídas nesse rol as relações estabelecidas no comércio de varejo de drogas, aqui

entendido como a estratégia de geração de renda adotada e o lugar onde o menino se relaciona com amigos.

O campo de investigação foi uma unidade fechada do Departamento Geral de Ações Sócio-educativas – DEGASE, que recebe meninos adolescentes para cumprir medida sócio-educativa de internação. O objetivo era compreender os motivos alegados pelo jovem para entrar nas atividades do comércio de varejo de drogas e como era sua vida dentro da comunidade. Entendendo que esse local é onde o menino se socializou e desempenha suas atividades diárias. A investigação desse universo se deu com base nos depoimentos dos jovens e no material coletado durante os dois períodos em que a pesquisa se desenvolveu.

A opção de trabalhar com os internos se deve ao fato de que é mais fácil estabelecer um contato sistemático com eles. A primeira etapa da pesquisa foi realizada durante os meses de agosto e dezembro de 2003. Foram realizadas entrevistas em grupo com garotos do Comando Vermelho e do Terceiro Comando, entrevistas individuais e analisados os prontuários de todos os adolescentes entrevistados individualmente. Durante esses cinco meses a instituição foi visitada todas as semanas em que nos foi permitida a visita

Os meninos estavam separados por comando. Recebemos quatro grupos de meninos para a entrevista grupal. Realizamos dois grupos focais com o Comando Vermelho (CV) e dois com o Terceiro Comando (Terceiro) e o Amigos dos Amigos (ADA). A partir dessas entrevistas, que duraram mais de um dia com cada grupo, nós realizamos as entrevistas individuais. Nem todos os meninos que participaram dos grupos foram entrevistados. Dos grupos focais participaram aproximadamente quatorze rapazes. Seis rapazes foram entrevistados individualmente. Os prontuários desses seis jovens foram analisados. Em dezembro as entrevista foram suspensas e começamos a analisar os prontuários de rapazes que haviam sido entrevistados individualmente.

O material coletado em 2003 era muito rico e abriu várias frentes de investigação. Os dados foram analisados e com o auxílio da literatura especializada, foram definidas linhas de aprofundamento. Em 2006 voltamos à instituição para realizar uma nova etapa das entrevistas. O foco da análise recaiu sobre as relações sociais estabelecidas nas comunidades ocupadas pelos comandos que culminaram com a entrada do adolescente para o mundo do crime.

Em 2006 a instituição foi visitada durante os meses de fevereiro até maio. Tentávamos montar junto com uma pedagoga do DEGASE uma sala de leitura. Esse processo foi cheio de idas e vindas e só recebemos permissão para falar com os rapazes no fim do mês de abril. Antes disso estivemos com eles na escola de ensino regular que existe na unidade durante o período das aulas. Recebemos apoio dos profissionais da escola que nos contaram histórias, indicaram informantes e forneceram material para análise que havia sido elaborado nas atividades do ensino regular. Também foi possível conhecer mais profundamente o prédio onde o educandário funcionava e ouvir histórias dos profissionais do DEGASE e de familiares em dias de visita.

Em 2006 as entrevistas visavam aprofundar os pontos considerados mais significativos a partir da análise do material inicial. Entre agosto e outubro as entrevistas foram realizadas. Foram feitos dois grupos focais com cada comando e continuamos conversando informalmente com os jovens. Além disso, foi possível analisar material elaborado pelos rapazes nas aulas do ensino regular. Aproximadamente doze garotos participaram dessa etapa: oito do Terceiro e ADA e quatro do CV. Nas conversas informais foram abordados aproximadamente de 200 rapazes, já que estivemos em todas as turmas dos quatro turnos<sup>3</sup> da escola e também conversei com os garotos pelos corredores do da instituição. Entrevistamos individualmente dois garotos do Terceiro. Nessa ocasião não foi possível ler os prontuários.

Em 2006 não houve necessidade de realizar muitas entrevistas por que as respostas foram se repetindo, e as histórias eram muito parecidas com as coletadas em 2003 e as encontradas na literatura especializada. Paramos com o trabalho quando consideramos que o material havia atingido um ponto de saturação<sup>4</sup>.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Em função do número elevado de jovens a escola tinha quatro turnos: dois pela manhã e dois de tarde.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> A unidade do DEGASE que serviu de campo de investigação para a pesquisa cujos resultados serão discutidos aqui foi completamente reformulada. Mas, a nosso ver, os dados aqui analisados, como focalizam a vida na comunidade e as relações estabelecidas no comércio de varejo de drogas, não foram modificados em função das transformações ocorridas no sistema. Em estudos mais recentes (MACHADO DA SILVA, 2008) a realidade apresentada pelos relatos dos jovens durante a pesquisa que serviu de base para esse texto, no que diz respeito a força que as facções envolvidas no comércio de varejo de drogas ilegais exercem sobre a comunidade, permaneceu inalterada.

#### 4 JOVENS DO EM CONFLITO COM A LEI

A unidade do DEGASE que serviu de campo de investigação para esse estudo atendia meninos de 16 até 18 anos que cometeram ato infracional. Por ser uma instituição que recebia adolescentes, a maioria dos jovens era reincidente. Outra característica marcante destes meninos era o envolvimento com o comércio de varejo de drogas ilegais. Os meninos ocupavam o prédio de um antigo presídio na região oeste da cidade.

O grupo do CV era mais numeroso – aproximadamente 70% dos internos – e mais forte dentro da instituição. Eles me apresentaram um conjunto de regras que norteavam as condutas no internato. Os "dez mandamentos" do CV se inspiravam nos mandamentos cristãos. Apenas havia uma mudança nas prioridades e alguns itens foram substituídos<sup>5</sup>. Os meninos do Terceiro não tinham regras escritas, mas obedeciam a um regulamento tácito que, como no caso dos mandamentos do CV, também valorizava a inocência, a humildade e a família.

O respeito pela família nos dois grupos se expressava de maneira exemplar nos dias de visita na disciplinarização do corpo. Segundo os meninos dos dois grupos nos dias de visita era preciso estar atento a um conjunto mais detalhado de regras do que o rotineiro. Segundo os jovens do CV nesses dias de visita era proibido sentar de perna aberta e olhar para a família do outro para evitar "maus pensamentos". Também era proibida a masturbação, que podia ser na "intenção" de uma mulher da família de um companheiro. Nas entrevistas do Terceiro essa restrição ao corpo apareceu também na proibição de coçar a genitália no pátio.

O envolvimento de parentes ou familiares com o crime, principalmente no caso do comércio de varejo de drogas, era muito comum. Um dos rapazes disse que entrou nessa vida porque seu irmão lhe dava tudo, mas foi assassinado pela polícia. Ele então "se revoltou" e entrou para o crime. Outro disse que não tinha ninguém da família dele nessa vida, "só o irmão, que já estava saindo da cadeia, e o primo que morreu". O envolvimento do pai ou padrasto, ou de irmãos mais velhos, ou mais novos, primos, amigos e vizinhos foram mencionados em todas as entrevistas. Os

-

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Os dez mandamentos do CVRL: 1- Não matar em vão./ 2- Ser humilde./3- Não cobiçar a mulher do próximo./4- Não bolir./5- Não dar falso testemunho./6- Não esculachar, porque o Comando Vermelho não esculacha, mata!/7- Ser fiel à sua pátria./8- Respeitar o próximo./9- Honrar a hora da visita/seu pai e sua mãe./10- Amar a Deus acima de tudo.

adolescentes entram nessa atividade por influência de alguém que lhe seja próximo, seja por aconselhamento, seja por socialização derivada da observação sistemática.

A maioria dos adolescentes foi criada em comunidades desassistidas, e declararam que os filhos eram importantes para o sustento do grupo doméstico na sua comunidade. O trabalho era instável para os jovens e seus familiares, que trocavam de emprego e passavam períodos desempregados. Eles relataram profundas dificuldades financeiras na infância, e reconheceram que, nesse particular, eles e os trabalhadores estavam em igualdade de condições. Outro fator importante era que os jovens afirmaram que passavam muito tempo sozinhos em casa por que o adulto responsável e os irmãos mais velhos precisavam trabalhar.

Os meninos relataram que passavam a maior parte do seu tempo nas ruas das comunidades. Só que essas ruas foram consideradas, até pelos entrevistados, como ambientes perniciosos. Os rapazes afirmaram que era difícil resistir a convivência tão próxima com o estilo de vida dos traficantes que ostentavam os ganhos auferidos com o comércio de drogas.

Os jovens infratores relataram a exposição aos elementos constitutivos da rotina da comunidade ocupada pelos comandos. Citaram a influência de colegas e familiares e o efeito do dinheiro fácil que essas figuras ostentavam. A entrada no "movimento" marcou um rompimento com as interações originais. O jovem vivia seus dias e noites dentro das interações estabelecidas no comércio de drogas ilegais.

Entre os meninos os amigos eram principalmente do meio infracional. É preciso destacar que esses jovens viviam a totalidade da sua sociabilidade dentro do contexto do "movimento". Muitos não podiam sair de sua comunidade e viviam o lazer e as relações com familiares e afetivas no contexto da facção. As experiências de socialização e interação estavam restritas a esse universo, por necessidade, opção e como desdobramento do estilo de vida que levavam. Nas comunidades, as famílias que controlavam seus filhos os mantinham afastados dos locais de movimentação do tráfico. Então, os jovens que por ali circulavam acabavam compondo um grupo de convivência mais fechado e pouco rico.

O dinheiro ganho com os atos infracionais no Rio se direcionava quase que exclusivamente para o consumo de roupas e acessórios de marca. E para impressionar as mulheres consideradas por eles como interessadas apenas em andar de carro e viver experiências excitantes que envolviam riscos – as "cavalonas"

ou "mercenárias" que buscavam diversão "neurótica". A arma era sinônimo de status e de poder; simbolizava o que os jovens queriam ressaltar: a virilidade e força.

A idéia de "revolta" esteve muito presente nos relatos e era ela que justificava a opção pelo envolvimento com a infração. A "revolta" podia se vincular a ação da polícia, ao assassinato de algum parente ou amigo, ou podia ser dirigida à sorte, pela morte do pai ou da mãe por motivo de doença. Ou pelo abandono do pai ou da mãe. Os adolescentes pareciam estar a um passo da entrada no mundo do crime. Os motivos alegados para a decisão eram pequenos comparados as conseqüências da decisão tomada.

O tráfico também foi considerado como atividade mais complexa pelos entrevistados por que exigia uma capacidade de respeitar limites e observar regras rígidas de conduta e hierarquias. O tráfico não era a opção mais lucrativas do crime, e alguns jovens que estavam presos por roubo, afirmaram que largaram o "movimento", atividade desenvolvida "por quem quer viver um pouco mais", para ganhar mais em atividades desenvolvidas fora da comunidade - " na pista". Mas mesmo esses incorporaram a ética do combate ao outro comando e sabiam que deviam respeito à facção que atuava na sua comunidade.

## 5 CONDUTAS TIPIFICADAS MONITORAÇÃO DE CONDUTAS

O papel desempenhado pelos sujeitos nas diferentes situações vividas é escolhido na relação desse sujeito com os outros sujeitos. Ele se forma a partir de um processo de análise, onde o jovem se compara com os outros e procura por semelhanças e diferenças e analisa a situação tentando descobrir qual a melhor conduta a ser tomada naquelas condições. As atitudes tomadas são avaliadas a partir de um conjunto de modelos idealizados de conduta reconhecidos por todos.

No caso dos jovens que atuam nos comandos, os adultos com os quais eles convivem e a convivência dentro da comunidade são o terreno onde buscam identificação. Nas comunidades modelos de conduta foram tipificados e figuram no discurso dos jovens a respeito de si mesmos e dos outros; são "imagens sobre as quais ele buscará se identificar como forma de construção de afetos, de contato e troca (COSTA, 1984). Na verdade, o jovem, em função da flexibilização da tradição,

se vê em condições de manipular modelos concorrentes em busca de melhor desempenho em cada situação. Mas a atitude assumida diante da comunidade será monitorada pelo conjunto de amigos e oponentes.

Os indivíduos tomam decisões na sua vida dentro do tecido social onde se inserem. Mesmo que a margem de decisões possa variar de um para o outro, em função da posição ocupada na relação, aquele que ele decide sempre está vinculado aos outros com os quais convive.

Tanto nas grandes questões quanto nas pequenas, ele [o indivíduo] está preso à distribuição de poder, à estrutura da dependência e das tensões no interior do seu grupo. Os possíveis cursos de ação entre os quais ele decide são predeterminados pela estrutura de sua esfera de atividade e pela trama desta. (ELIAS, 1994, 51)

Considerando os adolescentes com o comércio de vareja do drogas ilegais existem tipos idealizados de conduta, às vezes antagônicos, outras vezes complementares, circulando no campo de ação dos meninos que servem de modelo com os quais as condutas assumidas são avaliadas: o de "bandido formado", o de "bandido mendigo", do "sanguinário", do "neurótico", o do "verme", o do "trabalhador", o do "playboy", o do "morador", o "viciado", o "vacilão" e o "otário". Esses foram os tipos idealizados mais recorrentes encontrados nas entrevistas. Cada um deles, a seu modo, esteve presente no processo de identificação e na avaliação das condutas realizada pelos jovens com os quais estivemos em contato nas instituições de atendimento ao infrator. Muitas vezes é o antagonismo ou a complementaridade entre eles que define as escolhas individuais e as análises sobre o seu comportamento e o comportamento dos outros nas situações de encontro.

Antes de qualquer coisa é necessário estabelecer uma diferenciação básica entre o "bandido" e outras identidade típicas. "Bandido" é o termo usado para designar as figuras do "movimento". Essa é a identidade típica mais ampla. Ao "bandido" se contrapõem os "trabalhadores". Ser "bandido" significa acima de tudo não trabalhar para viver. Além disso, esse sujeito não age autonomamente porque pertence ao comando, ele precisa respeitar as regras vigentes na atividade e usar de "sabedoria" no seu relacionamento com os outros e nas situações de vida.

O termo "bandido", combinado com outro adjetivo que define o sujeito, também é usado para se referir a outros tipos. O "bandido mendigo" é aquele que rouba pobre. O "sanguinário" ou "neurótico" é aquele que demonstra não ter

equilíbrio emocional, que mata sem necessidade e usa despropositadamente o recurso da violência na resolução dos conflitos cotidianos.

O "bandido formado", tipo mais valorizado, não é covarde nem cruel - não "esculacha"-, respeita a família acima de tudo, não mata em vão, não rouba trabalhador. O "formado" também não é aquele tipo que quer aparecer, que conta bravata e, no trato com as pessoas, ele sabe conversar. Ele tem palavra, não humilha e é humilde<sup>6</sup>. O "bandido formado" também não se envolve em conflitos inúteis, nem se bate em lutas que possam comprometer sua lenda pessoal – que é a história que contam sobre ele no contexto do crime e das comunidades que o precede nas situações de encontro.

O "verme" é a pior categoria na escala de classificação entre esses adolescentes. Ele não chega a ser humano. Esse termo é usado para identificar os inimigos, geralmente policiais, que vivem do produto da corrupção, e membros de outros comandos.

O "playboy" é o sujeito rico que leva a vida mansamente. O "playboy" é um "otário", alguém que não merece respeito porque não pertence ao grupo forte que o "movimento" representa. Esse termo também é usado pelos meninos para designar o trabalhador quando o que se quer destacar é o fato de que, apesar de ganhar mal e de ser humilhando pelo patrão, ele continua sendo honesto. O "viciado" e o "vacilão" se misturam. Na verdade o "viciado" é sempre "vacilão": ele atrapalha, mas não oferece perigo.

Esses tipos idealizados geralmente se apresentam em pares antagônicos. Ao "formado" se contrapõe o "sanguinário", ou "neurótico" ou o "mendigo'. Ao "playboy' se contrapõem o "trabalhador" e o "bandido" de maneira geral. A contraposição entre o "morador", ou "trabalhador", e o "bandido" é básica. Ela separa universos fundamentais e distintos a partir dos quais todas as relações se definem dentro das comunidades ocupadas.

Nesse universo multifacetado os meninos crescem e são desafiados a assumirem uma identidade e a tomarem partido de um lado: o do trabalho ou o do crime. A adesão a um dos grupos deve ser reconhecida pelos demais membros do grupo escolhido de maneira que permita a monitoração do comportamento. Agir conforme o grupo, ser fiel, respeitar a comunidade, são comportamentos cobrados

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Em entrevista realizada por Machado (2008) um dos informantes disse que o bandido não tinha coração, mas tinha palavra.

de todos os jovens que atuam no comércio de varejo de drogas, sob pena de serem punidos até com a morte. Por isso atuar no tráfico requer uma "sabedoria" que o menino reconhece necessária e difícil.

Uma personificação do homem corajoso e leal é o "fiel", nome dado ao segurança da principal figura da boca, demonstrando que em um contexto onde o que vale é o que se faz e se assume publicamente, a lealdade é uma característica muito valorizada. Fidelidade é atributo que se espera de alguém em quem vamos confiar nossa vida.

A convivência com pessoas do "movimento" são justificativas para a entrada na vida do crime tanto para os meninos em conflito com a lei quanto para os profissionais da instituição. Essa convivência se refere aos amigos de rua, colegas de escola, vizinhos, parentes e familiares. A revolta, a tristeza, por perder os pais seria um complemento, ou mesmo um estopim de um processo de interação que já estava em curso. O menino que se revolta e resolve aderir a "vida neurótica" anteriormente já vinha se relacionando com figuras do universo infracional.

Ao entrar para o tráfico o jovem define diante da comunidade e dos outros a opção por uma nova vida. O símbolo dessa nova vida é a arma. O jovem que entra para o circuito vertiginoso do crime é aquele que "mete a mão mesmo" – referência ao porte de arma. Isso se dá de forma diferente quando os familiares também estão envolvidos.

Os jovens se sentem poderosos por fazerem parte dos comandos. O conceito do jovem diante dos outros também se baseia na lenda pessoal do jovem que demonstra coragem, disposição para matar e ousadia – atributos percebidos e demonstrados nas relações interpessoais. A vida dos bandidos serve de modelo para muitos indivíduos.

A convivência com o "movimento", o envolvimento de conhecidos, vizinhos, amigos, familiares e parentes, levam muitos jovens a aspirarem desde cedo participação naquela dramaturgia onde o prazer e o poder são os bens imediatos que justificam o risco, e muitas vezes, a certeza da morte e o confinamento na comunidade. O jovem concilia a atitude ousada e disposta, como quem acredita que é invencível com uma aceitação da idéia de que a morte prematura é comum, e que sair dessa vida só se for pela via da morte ou da cadeia de adultos. Eles percebem que vivem uma vida peculiar, diferente da vida de pessoas comuns, "a vida errada", "a vida louca", "a vida neurótica".

Os relacionamentos estabelecidos no mundo do crime, inclusive nos sistemas de atendimento ao jovem em conflito com a lei, com amigos, vizinhos, parentes e familiares, fortalece a visão fatalista de que esse é o destino que foi reservado para eles. Para esse adolescente viver até ser mais velho está condicionado a estar preso, fora de combate.

Mas o jovem também é atraído pelo dinheiro fácil e pelo poder das armas. Apesar de justificar sua escolha pelo tráfico em função da "revolta" contra as desigualdades sociais e pela ação da polícia, o que realmente os interessa no mundo do crime é poder e o dinheiro que podem mudar o cenário da sua vida de pobre urbano. Os argumentos com os quais explicam a conduta são fracos: "Eu tinha um irmão que era ladrão e me dava tudo e ele foi morto e eu entrei mesmo para essa vida", ou "Meu pai foi embora e eu revoltei mesmo!", ou "Vi meu pai morrer e ai meti a mão para vingar ele". Dentro da cultura do combate acreditam, sem refletir, na lógica da vingança, da honra de destruir o inimigo, mesmo sabendo como é difícil o caminho de volta. A partir de sua opção, quando eles efetivamente "metem a mão" e decidem virar "menorzões mesmo", entram em um circuito particular e suas atitudes precisam refletir a escolha feita e a lealdade ao grupo. Desse ponto em diante os adolescentes tomam decisões dentro dos limites da monitoração de outras pessoas, que se materializa na padronização do papel desempenhado pelos sujeitos nessas relações.

# 6 O PAPEL DESEMPENHADO PELOS JOVENS NA REPRODUÇÃO DA VIDA QUE LEVAM

O crescente envolvimento dos jovens com o narcotráfico está fundamentado na ampla desigualdade social e na dificuldade das populações pobres de terem acesso à educação e salários dignos, entre outros fatores que contribuem para a melhoria das condições de vida. Entretanto, essas determinações estruturais, fundamentais para a compreensão da passagem ao ato infracional, não devem obscurecer o aspecto subjetivo da "escolha" individual. (ZAMORA, 2005, p. 137)

A pesquisa acabou por confirmar que a influência do grupo de convivência, principalmente os amigos, foi peça fundamental na escolha pelo mundo do crime como estratégia de geração de renda. As instituições sociais de proteção e inclusão social também se mostraram enfraquecidas. As duas instituições mais importantes

na vida dos adolescentes apareceram bastante comprometidas: a família e a escola não eram vistas pelos meninos como instituições capazes de garantir a eles o futuro que desejavam.

Os entrevistados também demonstraram falta de valor pela sua vida. Optaram por viver o hoje, mas faziam o que gostavam. Viviam a vida em alta rotatividade, não refletindo sobre o futuro, não fazendo planos nem de curto, nem de longo prazo. Viviam na vertigem da atividade do movimento que só era quebrada pelos tempos de internação ou pela morte. Os rapazes não tinham uma noção convencional do certo e do errado, e mesmo quando essas noções apareciam, a distinção era bem menos nítida que aquela operada pela moralidade média da sociedade.

Os jovens ficam expostos a toda uma conjuntura que possui uma lógica específica que se materializa nas interações estabelecidas por parte significativa dos adultos com os quais se relacionam durante sua vida, onde as noções de certo e errado aparecem relacionadas a valores próprios. O adolescente reconhece que vive vida uma vida diferenciada, onde o certo é respeitar as regras de conduta que garantem a proteção e coesão do grupo do qual escolheram participar. Mas também percebem que as regras de conduta válidas na sociedade não são obedecidas pelos agentes de segurança pública e que a ilegalidade é uma realidade experimentada por amplos setores da comunidade onde vivem, na forma de loteamentos clandestinos, transporte ilegal e outras formas de geração de renda não oficiais.

Em estudo realizado por Zaluar (2000) a autora constatou que no ambiente da comunidade as ações dos indivíduos não são avaliadas em função conceitos abstratos de justiça e legalidade. Nesse sentido o bandido é reconhecido como alguém que optou por um caminho perigoso; como um indivíduo que não aceitou a realidade dura do trabalho honesto, mas também como um igual por pertencer ao mesmo universo de pobreza e privação dos trabalhadores.

Em alguns casos mesmo o adolescente não sabe dizer ao certo como se envolveu com o crime. Ele estava circulando nos espaços públicos da comunidade e sem que houvesse nenhuma corte com sua rotina habitual, aos poucos, sem perceber, através do estabelecimento de interações comuns ao do universo da vizinhança, brincadeiras e conversas, começou a fazer pequenos serviços para os integrantes do "movimento" — comprar refrigerante, levar recados. Zaluar (Id.) também identificou que havia entre os moradores uma crença na idéia de que em alguns casos o envolvimento com o crime aconteceu sem que o sujeito tivesse

culpa, ou se desse conta, por força das circunstâncias da situação. Isso mostra que nos espaços públicos das comunidades ocupadas pelo comércio de varejo de drogas ilegais as fronteiras entre o mundo do crime e o mundo do trabalho são mais tênues do que se pode imaginar.

Também estão em jogo na escolha individual a necessidade de ser reconhecido como pessoa de valor dentro da comunidade, capaz de se equiparar ao trabalhador honesto no que diz respeito a capacidade de enfrentar situações difíceis em nome daquilo que valoriza. Por isso é que o que valoriza o "bandido" para ele subir na carreira do tráfico é o "sofrimento", o mesmo sofrimento que os meninos afirmam que é um atributo do trabalhador honesto. Na estrutura das facções quando o sujeito "sofre" pela vida no crime ele merece "conceito". Quando os sujeitos "fortalecem" a comunidade eles acreditam que estão fortalecendo uma relação de respeito que exclui certas pessoas, os não moradores, e se sentem pertencendo a um grupo forte e coeso e comunitariamente significativo, um grupo de "conceito".

A estrutura do comércio de varejo de drogas dá a esse negócio e aos seus "negociantes" uma legitimidade diante das novas gerações de moradores que é confirmada pelo valor que o "movimento" tem na comunidade, pela força que ele tem diante da sociedade e pelo papel que esses personagens desempenharam no contexto comunitário durante o processo de socialização dos adolescentes.

Os meninos afirmam que nesse universo eles também apreciam a excitação. Eles gostam do combate porque são ocasiões em que podem colocar em curso os atributos capazes de destacá-los nas interações que estabelecem. É nas situações de combate que o grupo vai poder avaliar sua lealdade, coragem, tranqüilidade e ousadia, atributos do "bandido formado". Também é no conflito que as facções reiteram seu controle sobre a favela e demonstram que são o único grupo capaz de defender a comunidade de seu inimigos. Os inimigos do "movimento" são os inimigos da comunidade, isso faz deles aliados e também justifica as regras envolvidas na reciprocidade. Por isso para todos o certo, que é explicitado até pelo "patrão" dos meninos, o "dono", é que "o respeito ao morador deve vir em primeiro lugar". Desrespeitar o morador é minar as bases da reciprocidade porque nega a identidade e o reconhecimento mútuo.

A reciprocidade estabelecida entre os membros das facções e os moradores está baseada em relações sociais básicas, como o parentesco, a amizade e a vizinhança; no respeito às regras, na troca de favores pessoais, em investimentos

em bens e atividades comunitárias e no uso da violência. A comunidade deve respeitar o código de silêncio e as leis e as hierarquias do "movimento" e os bandidos devem respeitar um código de certo e errado baseado em valores morais tradicionais, que já foram mais fortes.

Na escolha pela vida no crime também é peça fundamental o fato de que os esforços sociais de combate à criminalidade se dirigem, sobretudo, aos criminosos pobres. Quando a sociedade e o estado estabelecem hierarquias entre os delitos e dirigem as iniciativas de controle e punitivas para um só grupo social, para o crime mais visível, no caso em questão, o crime dos pobres, organizados ou não, estão construindo estruturas de reprodução do crime em determinados territórios da cidade, dirigidos e freqüentados pelas populações pobres. A militarização do conflito entre policiais e traficantes e o fato das comunidades serem o palco desses conflitos, entre outras coisas, reforça o sentimento de revolta, dificulta a vida comunitária, afasta investimentos, amplia as distâncias entre a cidade e esses lugares.

Outro aspecto fundamental do papel que os meninos desempenham na reprodução da vida que levam diz respeito ao estilo de consumo e de lazer. A pobreza significa uma coisa muito específica para os jovens que entrevistamos, ela envolve a falta de acesso ao lazer excitante, às melhores mulheres e a roupas de marca. Os meninos afirmam que gastam seu dinheiro com festas, ou "baladas", e artigos de luxo. Mesmo os que dizem que ajudam a família também destinam parte significativa do dinheiro que ganham para o consumo de coisas que podem ser consideras como supérfluas.

Outro aspecto fundamental do papel desempenhado pelo jovem na reprodução da sua vida é a sua noção de tempo subjetivo. O menino envolvido com as facções tem uma noção de tempo individual muito estreita. Por isso um deles nos disse: "Se viver até meu filho ter seis, sete anos, eu já fiz a minha parte". Essa concepção de tempo, de certa forma, está adequada a vida que o jovem leva. As principais vítimas de morte violenta são os jovens das periferias urbanas ocupadas pelos comandos. Para um menino que viu seus amigos morrerem antes dos vinte anos faz sentido perceber a infância de forma tão subtraída.

Por outro lado, a noção de tempo efêmero também se explica pelo estilo de vida vivido nas atividades do "movimento". O tráfico é uma vida vertiginosa, sem volta, sem amanhã. Alguns se consideram "suicidas", e são capazes de tudo para

defender a "causa": o território e o respeito de não aceitar que ninguém fira sua honra. Vivem a vida sabendo, ou aceitando, que vão morrer a qualquer momento, ainda jovens, por isso não perdem tempo pensando sobre o futuro. Faz mais sentido para ele usufruir dos prazeres disponíveis o máximo de tempo que puder.

A entrada no mundo do crime implica na aceitação do rompimento com a vida anterior e na aceitação de viver seus dias e noites dentro das interações estabelecidas no novo universo.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel que a pessoa desempenha na reprodução da sua vida passa pela identificação com os outros dentro de um contexto relacional e pelas expectativas quanto ao futuro. Por tudo que foi exposto, para entendermos o papel desempenhado pelos adolescentes em conflito com a lei na reprodução da sua vida é necessário compreender esse papel vinculado com o contexto onde o jovem atua. Em outras palavras, é preciso analisar as interações que ele estabelece no cenário onde as escolhas são feitas e a rotina reproduzida. Quando focalizamos as relações sociais o tráfico se apresenta e se constitui enquanto um grupo coeso que concentra força política e cultural e que nas relações cotidianas e controla significativamente as decisões sobre os usos do território e sobre o curso das condutas nos territórios ocupados. O controle do tráfico sobre os territórios se baseia na força que o grupo exerce sobre seus membros em um contexto onde a justiça é sumária e os sujeitos são avaliados no calor nas situações de encontro, em busca da verdade contextual (ZALUAR, 2000), aquela a que se chega, não através de princípios abstratos, mas a que emerge na avaliação da situação vivenciada em função de uma lógica que é válida naquele contexto. Também se baseia no uso das armas, na cumplicidade de agentes do governo e dos usuários e na força dos lucros que gera. Mas, sobretudo, a força do "movimento" se sustenta nas profundas desigualdades que dificultam o contato social e estreitam os laços de sociabilidade e fragilizam as instituições responsáveis pela socialização das novas gerações e pela coesão social, entre elas a escola e a família.

É nas relações estabelecidas em tempo real por esses sujeitos, nas quais eles se identificam, reconhecem o outro e procuram reconhecimento que se materializa o monitoramento recíproco das condutas envolvido na reprodução da vida real.

O conflito constante flexibiliza conforma as interações. Os encontros em tempo real ficam mais abertos as influências do momento. Nesse contexto a lealdade, a força e a violência são usadas nas situações de encontro para resolver conflitos ou controlar o curso dos acontecimentos. No caso dos meninos dos comandos, foco desse estudo, o pertencimento ao comando define não só a identidade publicamente assumida, como sela um destino cujo horizonte é a morte ou a penitenciária.

A falta de rotina e a fragilidade das instituições provoca uma hipertrofia no processo de monitoração recíproca. O grupo funciona como poderoso agente de controle sobre o curso das condutas de cada um de seus membros. O controle sobre o comportamento e a exigência de uma lealdade cega se amplificam em função da concorrência de outros grupos — a polícia e os membros das outras facções. No "movimento" o controle sobre a conduta de cada um é rigoroso. Qualquer erro pode ser punido até com a morte.

Nesse mosaico o papel que o rapaz desempenha é multifacetado. Ele participa da reprodução do mundo do crime no sentido de que é efetivamente um agente nesse contexto. Por outro lado, ele assumiu para si os valores disseminados e fortalecidos pela ação das facções e da sociedade de consumo e escolheu um estilo de lazer muito caro: mulheres e drogas. Entrar para o "movimento" leva cada adolescente a um estilo de vida radical. Apesar dos jovens falaram muito da necessidade de defenderem a honra e a comunidade, a decisão de entrar para o crime é tomada menos em nome desses valores do que em função de necessidades de consumo. Situações, por vezes corriqueiras, são dadas como justificativa dessa escolha: o desejo de consumir coisas supérfluas, ou mesmo a falta de recursos para comprar presentes "bons" para a mãe ou a namorada.

Desempenhar um papel é ser agente dele, no sentido de estar em condições de seguir um curso de ação e seguir. Isso não significa que o jovem sempre saiba o que está escolhendo ou que tenha total controle sobre o desenrolar dos acontecimentos: muitas coisas acontecem sem que tenham sido previstas. A maioria dos jovens acredita que escolheu essa vida e muitos afirmam que querem sair, mas

não acreditam que possam mesmo conseguir porque a vida no crime passou a ser sua rotina e também porque o contexto continua o mesmo para ele dentro e fora da comunidade.

## **REFERÊNCIAS**

ELIAS, N. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

GIDDENS, L. A constituição da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MACHADO DA SILVA, L. A. **Vida sob cerco:** violência e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

ZALUAR, A. A máquina e a revolta. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ZAMORA, M. H. (org.) **Para além das grades.** Elementos para a transformação do sistema socioeducativo. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO/ São Paulo: Loyola, 2005.

Artigo:

Recebido em: 26/09/2010

Aceito em: 13/06/2011